N. 181

IGREJA E APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver para outrem. *Viver ás claras.*

Circular e Documentos

RELATIVOS

Á EXCLUZÃO DE UM MEMBRO

DE

NOSSA IGREJA

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, Rua Benjamin Constant, 30
JULHO DE 1898
ANO 6X DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DE REPUBLICA BRAZILEIRA

CIRCULAR E DOCUMENTOS

RELATIVOS

Á EXCLUZÃO DE UM MEMBRO

DE

NOSSA IGREJA

ARDERE
LUCERE
DIRIGERE

N. 181

IGREJA E APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

O Amor por principio, e a Ordem por baze;
O Progresso por fim.

Viver para outrem. *Viver ás claras.*

Circular e Documentos

RELATIVOS

Á EXCLUZÃO DE UM MEMBRO

DE

NOSSA IGREJA

RIO DE JANEIRO
NA SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
30, Rua Benjamin Constant, 30
JULHO DE 1898
ANO CX DA REVOLUÇÃO FRANCEZA E X DA REPUBLICA BRAZILEIRA

ADVERTENCIA

Conforme prometi, publico hoje, como unica resposta ao folheto do Sr. J. Feliciano de Oliveira, a circular relativa ao seu desligamento de nossa Igreja, com os documentos que lhe anexei, e seguida agora da carta particular que sobre o mesmo assunto escrevi ao Sr. Joaquim da Silveira, amigo do excluido.

Creio que a leitura dessas peças bastará para que qualquer possa ajuizar da conveniencia de uma excluzão, que os fatos posteriores vierão demonstrar da maneira mais deciziva ter sido ao mesmo tempo uma necessaria depuração.

O folheto do Sr. J. F. tão bem qualificado de *sinistro* por um confrade nosso, e os artigos por ele publicados depois, na secção livre de um jornal de S. Paulo, bastão para caraterizar o seu autor, e julgo-me dispensado de os tomar aqui em consideração.

Devo apenas comunicar ao publico que tendo esse desvairado moço, em um dos artigos acima aludidos, deplorado as contribuições pecuniarias com que durante alguns anos concorréu para a nossa Igreja e Apostolado, rezolvi devolver-lhe o total dessas quantias, segundo a computação feita por ele mesmo

no artigo a que me refiro. Entre as peças do apendice deste impresso, encontrará o leitor a declaração que sobre o assunto publicou em S. Paulo o nosso dedicado confrade, Sr. Godofredo Furtado.

A injustificavel revolta de um falso irmão e as insidiosas arremetidas que se lhe seguirão vierão provar mais uma vez que o pozitivismo, como qualquer outra doutrina, está exposto a servir de alimento, não só ás divagações da pedantaria soez, como ás imposturas dos tartufos adiantados. E a este propozito devo completar a citação que o Sr. Teixeira Mendes fez de um trecho de Augusto Comte, * em que o nosso Mestre, referindo-se a um falso dicipulo (Blignières), assinal-a a «triste faculdade de *expôr* o que não se entende». Com efeito, tendo ainda em vista o mesmo cazo, escrevia o nosso Mestre:

« Segundo a triste experiencia realizada recentemente, o publico de elite deve de hoje em diante ficar de sobre avizo contra a hipocrizia pozitivista, cujo surto vai em breve tornar-se iminente. Os necios são os unicos que ainda se deixão lograr pela hipocrizia teologica (ou *cant* **), e mesmo, ao menos em França, pela hipocrizia metafizica, visto como os doutores em nivelamento têm sido por demais postos á prova para que possão encontrar de novo sucessos serios. Não se dá o mesmo, porem, com a hipocrizia pozitivista, fundada sobre a nova giria

* Vide o Apendice, p. 30.

* * Palavra ingleza que significa hipocrizia religioza, e especialmente «a frazeologia de uma seita empregada sem sinceridade».— M. L.

sentimental e religioza que a sinteze universal não tardará em abonar; estais vendo com que deploravel facilidade os mais vulgares intrujões a podem já falar sem ser imediatamente desmascarados.» *

Como os Blignières são de todos os tempos e paizes, ficão assim os nossos concidadãos advertidos, pelo proprio Fundador do pozitivismo, da florecencia da nova beatice altruistico-sientifico-industrial com que estamos ameaçados. E é unicamente a bem do publico e de nossa propaganda que reproduzo similhante advertencia, sem me preocupar com nenhum intuito agressivo contra o infeliz moço que a tornou oportuna.

A este apenas ofereço mais uma vez os sinceros votos que faço para que consiga um dia reparar, si lhe fôr possivel, a negrura de sua conduta, mediante um digno arrependimento, atestado pela inequivoca emenda de seus gravissimos defeitos.

E, ao concluir, devo aproveitar este ensejo para testemunhar, aos nossos confrades e correligionarios, o meu reconhecimento pelas manifestações de veneração e apoio com que cumulárão o seu chefe espiritual, no decurso deste triste epizodio.

MIGUEL LEMOS,
Diretor da Igreja e do Apostolado Pozitivista do Brazil.

(38, rua Benjamin Constant)

* Carta a Ricardo Congreve, de 22 de Carlos Magno de 69 (9 de Junho de 1857).

APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL

(Circular)

Rio, 11 de Homero de 110.

Aos nossos confrades.

Cumpre-me levar ao vosso conhecimento a dolorosa nova de que me vi obrigado a considerar como inteiramente desligado do nosso gremio ao Sr. Jozé Feliciano de Oliveira.

Para a maioria de vós, esta noticia será motivo de profunda sorpreza, pois a discreção e a solicitude que devem acompanhar sempre o exercicio de minhas funções, não me permitem comunicar por impressões izoladas e gradativas as previzões que muitas vezes sou levado a fazer, segundo os dados que se vão acumulando, acerca de futuros desvios. No cazo prezente, varios e repetidos incidentes e uma observação frequente tinhão-me inspirado havia muito sérias aprehensões sobre este moço, que se mostrava com certos defeitos graves que ameaçavão, pelo menos, a nossa diciplina e união. Não imaginava, porem, que o desfecho estivesse tão proximo e, ainda menos, que os sentimentos e dispozições desse confrade em relação a mim fossem tais como eles se

patenteião nas ultimas cartas que me dirigiu. Essas cartas são tão carateristicas e pintão tão vivamente esse estado moral que me dispensão de entrar aqui em maiores explicações ; e por isso limito-me a anexar a esta circular copia delas, juntamente com a de minhas cartas que a elas se referem. Este conjunto de documentos é quanto basta para que fiqueis conhecendo plenamente os fundamentos de minha rezolução.

Vosso servo na Humanidade,

MIGUEL LEMOS

Djretor da Igreja e do Apostolado Pozitivista do Brazil.

ANEXOS

Rio de Janeiro, 25 de Moizés de 110.

Ao Cidadão Jozé Feliciano de Oliveira,
S. Paulo.

Meu caro amigo e confrade.

Acabo de receber do Sr. P. uma carta em que me fala da dezavença que teve convosco, dezejando que eu tome conhecimento do cazo, e prometendo sujeitar-se á minha decizão.

Não posso furtar-me a este apelo, que entra no numero dos deveres arduos do meu cargo, e, conquanto já fosse orientado por vós a esse respeito, precizo examinar o assunto mais sistematicamente, e por isso remeto-vos a carta que acabo de receber do Sr. P. para que me informeis a respeito, fazendo-me uma conciza expozição do que houve, com verdade e caridade, de modo a que ele não deixe de merecer as censuras a que fez juz, sem que se lhe tranque a porta ao digno arrependimento.

Vosso na Humanidade,

MIGUEL LEMOS.

S. Paulo, 1 de Homero de 110 (29 de Janeiro de 98).

Ao Cidadão Miguel Lemos.
Rio.

Meu eminente chefe e amigo.

Recebi agora vossa carta de 25 de Moyzés. Por causa do lastimosissimo estado do F. (como adiante direi),

tive que vir do Jundiahy, onde julguei passar uns dias tranquillos, fugindo a esta vida ardua, asperrima, intrigada, mesmo no meio nosso.

A nova carga que vossa carta me trouxe veio-me pezar extraordinariamente, por inesperada e inopportuna: o Sr. P. jurou a seus credores que me havia de roubar o descanço das férias e prosegue incansavelmente sua obra. Seu fim não é outro sinão enfraquecer meu firmadissimo juizo a seu respeito e desacreditar-me para acreditar-se, como é seu costume, chamando infelizes, bandidos, monarchistas, anarchicos todos seus desaffeiçoados, ou castigadores, para se arvorar em feliz, em honesto, em republicano, em positivista.

Como vêdes, falta-me o animo para executar a tarefa que me commetteis: ella só póde ser a renovação de tudo, a exposição completa de todos os factos que me conduziram *ab initio* ao julgamento final sobre o P. Ninguem no principio o estimou mais bondosamente que eu, quando acreditava na sincera firmeza de seus propositos. Procurava mesmo defendel-o do descredito que suas leviandades e extravagancias lhe acarreavam: não registrei por isso os factos como quem estava colleccionando provas para julgar um homem. Por fim, as continuas impressões de seus desatinos amorteceram-me a sympathia e me puzeram preparado para sentir ao vivo seus defeitos, para os julgar finalmente, como fiz. Assim, o julgamento synthetico que vos enviei estava muito impregnado de um ultimo caso que me affectou muito e muito, por todos os lados; mas a questão geral, que então se decidiu completamente, estava ha muito tempo sob minha intima apreciação, por uma serie de episodios caseiros, civicos e religiozos, que foram a base analytica de meu juizo final.

Como não aceitaes minha sentença concluziva, e quereis de novo examinar a questão, seria preciso uma tão trabalhosa, tão longa exposição que só pessoalmente vos poderia fazer, e com muito enfado tanto de vossa parte como da minha. Aqui mesmo, aos amigos, expuz a questão prescindindo dos episodios domesticos, e a vós ainda encurtei mais as razões porque, não se tratando de um membro da Igreja, quiz apenas desapadrinhar perante vós uma pessoa que conhecestes por meu intermedio.

Peço-vos, pois, que em especial me declareis quaes os esclarecimeutos que desejaes, além dos que já tendes e dos que agora mando, completando os enviados. Si o P. realmente *vive ás claras*, mande-vos elle toda a sua correspondencia commigo, isto é, as cartas que lhe escrevi, e eu vos mandarei as suas: vereis por ahi o desequilibrio constante desse moço artificioso, que dissimula seu baixo egoismo com as illécebras de uma ternura postiça. Ainda ha poucos dias contou-me o G. que o «infeliz» Sr. S., que está accionando o P., lhe narrou como foi que se illudiu com esse moço, a ponto de sem garantias confiar-lhe tudo. «Imagine, dizia o Sr. S., que esse homem ia á minha casa, beijava as mãos de minha mãi, chamando-a sua, e acariciava ternamente meus filhos; a gente se commove e eu não podia furtar-me a suas exigencias».

Esse homem que assim vos apparece com ares ou palavras de vã humildade, depois de me ter visto cumprimental-o com um toque no chapeu, quando fomos ao cemiterio e o encontrámos no caminho, — depois disso o *humilde*, achando-me na loja do Sr. Barros, quando lá entrou bruscamente, tratou-me de um modo que não podia ser mais grosseiro.

Á vista disso, vós comprehendeis que só por obediencia a vós envio as informações juntas.

1º) Os documentos ultimos da questão (cartas do P., cartões e contas).

2º) Commentarios á sua carta, que me enviastes.

O afastamento desse moço é hoje indispensavel a bem dos creditos do Positivismo. E agora, depois de seus *novos procedimentos* commigo, não posso cogitar de nenhuma approximação de minha parte: foi de minha dignidade pessoal, foi de minha dignidade social romper com esse moço, e julgo de todo importuno cogitar delle para uma convergencia impossivel actualmente.

Sinto que o E., justamente o que não conhece a questão, porque andou em sua chacara tão absorvido na horta, no gallinheiro e nos estabulos, que *todo* o anno passado não frequentou nossas reuniões, — sinto que seja o E., quem continúe esta questão com seu espirito narrativo e *conselheiro*. Realmente em questão de fraternidade temos muito que fazer.

— Recebi em Jundiahy vossa carta de 23: domingo vos escreverei definitivamente sobre o emprestimo.

No dia 22, inesperadamente, o irmão do F. trouxe-o de Caldas e pol-o num bom quarto da Beneficencia Portugueza. Logo que, á ultima hora, me veio o Azevedo em casa trazer um telegramma com a noticia de sua vinda, e apezar de estar com as malas para ir a Jundiahy (onde Mamãi se acha doente), formámos o proposito, eu e Ritinha, de o trazermos para nossa casa.

Fui á estação e vi a impossibilidade de o trazer: o coitado estava paralytico, mudo, semi-morto e só sahiu do carro carregado por tres homens. Sendo-me impossivel ter dous enfermeiros em casa, pois, estavamos sós, tendo sahido a criadinha que nos servia,—tive que consentir que o levassem para a Beneficencia. Um amigo que antes o tivera em casa, receou agora leval-o, á vista da natureza repugnante e até contagiosa de sua doença. O F. porém, aproveitou muito em Caldas, e ainda hontem, examinando-o, vi a consideravel melhoria da invasão morbida que o prostrára: o rosto está quazi limpo. Já articula algumas palavras, e a paralysia tende a ceder. Segundo me parece, não é um rezultado de sua doença; foi consequencia de uma congestão sobrevinda após um copioso almoço, estando o F. fraco pela acção de um banho de 42º

— As noticias que vos pedi em minha ultima eram para o Dr. Joaquim Miguel e não *delle*: esse nosso sympathico deseja assistir á festa do centenario no Rio e por isso eu desejava saber noticias a *respeito*, isto é, si ella se realiza e quando.

— Quanto ao Dr. H., tenho extranhado sua auzencia e sua frieza: esteve aqui ou está aqui ha muito tempo com caza e não nos procura, nem responde a dous cartões que lhe enviei, fraternizando; ignoro mesmo onde foi ou onde é sua casa: na mesma ignorancia se acham aqui todos nossos amigos e confrades.

Desculpae este desalinho. Fatigado como estou, tudo faço á medida da espontaneidade, e não posso sistematizar muito, copiando minhas cartas. Acho que estou acumulando muitos serviços e preoccupações; sobretudo me pesa não me pouparem nas férias os

mesmos que conhecem quanto as conquistei com meus trabalhos profissionaes e sociaes.

Nossas amicaes e respeitosas saudações a D. Albertina e a vós.

Saude e respeito.

Todo vosso no Amor e serviço da Fé altruista,

JOSÉ FELICIANO
(6, rua General Jardim.)

P. S.— Tendes recebido duas remessas de dinheiro [1] e dous maços de publicações?

Peço-vos conservar a minha disposição estas informações: não costumo e me repugna muito guardar documentos contra os outros; mas nossa fraternidade está longe de nos permittir a esse respeito uma generosa despreoccupação.— J. F.

S. Paulo, 2 de Homero de 110 (30-1-98)

Ao Cidadão Miguel Lemos.

Rio.

Meu eminente Chefe e Amigo,

Hontem depois que sem demora respondi vossa carta e a registrei, uma grande tristeza me invadiu. E eu fiz tudo com essa presteza e vivacidade*, porque não queria prolongar as penosas impressões que me veio despertar a renovação inesperada de um profundo desgosto, que a mim e a Ritinha já nos custára 15 dias de amargores. A doloroza comparticipação de Ritinha de novo manifestou-se physicamente por uma reacção nevralgica.

Imaginae que, apezar de prevenido e de esperar o afastamento desse moço, que muito nos importunava e desacreditava, não previa que se realizasse um rompi-

1. O Sr. J. F. estava incumbido de receber e enviar mensalmente as contribuições dos nossos correligionarios e amigos de S. Paulo; assim como da venda e distribuição dos nossos folhetos.— M. L.

* Reparavel em algumas expressões, segundo me fez notar Ritinha: espero que o conjunto vos fará desculpar esses detalhes de fórma.

mento tão decidido. Tivemos de cortar relações de familia com a paciente e dedicada D. Z., que muito estimavamos e por quem muitas cousas soffremos do P....

E eu que julgava tal questão fechada para as accusações descaridosas ou inveridicas, maledicentes, que vol-a narrei em uma synthese geral e completa, como confirmação de vosso juizo anterior, recebendo em resposta que lamentaveis o desfecho, mas não havia outra cousa a fazer; eu, que assim julgava bem fechada a «desavença», esperando do tempo a cura, vejo-a reaberta por vós a um simples e desconnexo annuncio de que ia vos ser communicada a questão — annuncio feito pelo mesmo P. em um PS., sem novas informações, sem nenhum documento. Si, como declarais, eu ja vos tinha orientado e satisfeito sobre a questão do P., si elle não tem nada que reclamar no caso unico (o pecuniario) que cita como o determinador do rompimento; si elle se diz pago e satisfeito nesse ponto e si eu nada reclamei, sujeitando-me a todos os prejuizos; — que pode rezultar de um *novo*, *completo* e *systematico* ou *analytico* exame da questão, além dos desgostos, do desconceito para mim, e do gaudio para o amor proprio do P., que ja se vê autor no litigio, devendo ter no fim uma «porta ao digno arrependimento,* segundo annunciaes?

* Essa porta eu não fechei nem a pode fechar ninguem: o que se faz preciso é não condemnar com as formas e as prerogativas do louvor: nem o odio e nem a preferencia, a fraqueza, devem dominar nesses casos. Declaro-vos singelamente que nenhum impulso de rancor experimento. Ao contrario, surprehendo-me muitas vezes com remorsos de fraqueza, por não ter cedido a impulsos de condescendencia extrema. Tendo muito a querer *estar bem com todos*, e preciso rezistir a essa tendencia para não capear faltas, para poder condemnar os mais. Minha vivacidade ou violencia de forma só se exaspera com as posições hypocritas dos que me atacam por detraz ou sem razão querem sempre me comprimir a personalidade para cevar instinctos criticos; neste caso é infelizmente uma dose de vaidade que ainda preciso curar: não posso, porém, tolher as mãos com receio de incidir nela.

No caso presente fui levado a decidir que o Sr. P. deixasse de frequentar nossas reuniões, por falta de sentimentos convergentes, o que, aliás, não lhe podia ser sacrificio, porque ha muito seus desvios o afastavam de nossa convivencia. Elle não pugna, pois, por conquistar gosos fraternaes, que eu lhe tirasse: quer abrir luta de competencia, de vaidades para *ver quem fica de cima*. Nisso é que eu não vejo tendencia ao arrependimento; e por outro lado, não sou tão modesto que julgue me dever abaixar para ceder a palma ao Sr. P., que em *todas, todas* as manifestações anteriores queria ser meu *tuteliado*, chamando-me seu pai, etc. etc. Si cada um de nós, por ser humilde, tivesse que ceder ao primeiro atacante, onde ficava nossa firmeza, onde haveria dignos defensores de seus postos, de seus ideaes?...

Si o P., quando eu ahi estive, já vos merecia o conceito que enunciastes e que em vão minha benevolencia tentou attenuar, como agora um seu desconnexo, insignificativo P. S., vos determina logo a me tomar contas a meu procedimento, me incommodando profundamente?. Não é isso ter perante vós o dom contradictorio de rebaixar os que defendo e levantar os que accuso?

Caso o P. vos merecesse mais credito do que eu, havia em sua carta uma razão que vos podia mover a tão prestesmente me affectar de novo com a questão: é declarar elle que era «do gosto de *todos* nossos amigos communs que vos pronunciasseis a respeito» de uma questão decidida por mim e a vós communicada. Apurando esse ponto, já vos posso dizer que desses *todos* não fazem parte 5 que hoje encontrei (entre os quaes o G). Posso em confiança affirmar de outros que tambem não entram nessa totalidade, assim rêduzida a uma inapreciavel minoria (?) com que não me devo occupar.

Esta inverdade podieis prever, com mais confiança em mim. (Vide o P. S.)

—Meu adoentamento e fatiga, a doença dos meus e de amigos hão de concorrer para me tornar mais susceptivel, para soffrer mais intensamente as reacções desses factos todos. Não nos illudamos porém; mais que tudo isso concorre para me entristecer e alarmar a incerteza, a indecisão em que conservaes o futuro de nossas relações pessoaes. Depois de vossa ultima durissima reprimenda, que amarguei silenciosamente e pelo bem geral, tenho pensado muito num meio de acabarmos com esta incomportavel tensão, em que tudo é prejudicado em nosso movimento, pela preversão e pouca fé que sensivelmente ligaes a minhas palavras ou acções. Foi sensivel o anno passado o amortecimento que tal situação vae determinando. Ficastes para mim, em vez do pai espiritual estimadissimo, do caro amigo,—o chefe eminente, o gladio que sempre pende para me cortar nos defeitos, e nunca brilha para me desenvolver ou animar nos prestimos.

Que pretendemos com estes attritos fomentados e accrescidos com informações, provas, contra-provas, com defezas sem accuzações formaes, responsaveis, fundadas em razão e documentos?. De uma queixa qualquer logo me resultam defezas aborrecidas, desde as questões do-

mesticas até ás relações sociaes. Depois, permanecemos n'uma indecizão que faz renascer o attrito, muitas vezes em occasião bem inopportuna, como agora. Perturbações domesticas e civicas que aqui soffro, que afasto efficazmente, vêm-me depois com vossa autoridade a me humilhar sem nenhuma utilidade social. — Não é possivel continuar semelhante situação; ninguem convive sem confiança, sem dignidade, sem responsabilidade. Porque não decidiremos de vez esta questão?. Porque inutilizar forças em tensões penozas, si podemos aproveital-as com expansões prestadias?

Acreditam meus chefes em meus esforços sociaes, em meus sacrificios de tantos annos?. Que novos sacrificios devo eu fazer para assentarmos um melhor accordo em bem de nossa fé? Ha um *modus vivendi* em que eu, com meus defeitos, minha soffreguidão etc., mas tambem com meus prestimos, possa melhor servir á Humanidade?.

Espero que comprehendereis minhas sãs intensões, atravez dos defeitos da forma, atravez de meu temperamento. Espero tambem vosso auxilio n'uma solução positiva, que desenvolva qualidades, sem nos preoccuparmos exclusivamente em comprimir defeitos, annullando a pessoa as mais das vezes.

Seria melhor dar organização a nosso centro aqui, definindo os deveres de todos, e limitando mais nitidamente meu papel, e portanto a «responsabilidade moral que me cabe no movimento positivista,» segundo vossas expressões. Só aspiro a prestar serviços com dignidade, com estimulo, com responsabilidade: ha muito que fujo qualquer primado espiritual, ha muito que recuso desenvolver meu papel em festas religiosas, — sacerdotaes ou apostolicas, — resistindo aos constantes estimulos do meio. Segundo as bases geraes que assentardes, posso estudar um projeto especial de organisação. Desejo, porém, que meu papel não se extenda além dos limites actuaes, que a evolução espontanea, com minhas resistencias, me tem determinado: desse mesmo, não imaginaes com quantos e com que sacrificios me desempenho. Está longe de ser róseo o caminho que percorremos e só contemplando, nos primeiros seculos do catholicismo, as lutas geraes e intestinas, as lutas dos proprios santos, é que podemos encarar tudo mais na-

turalmente, é que podemos tudo supportar, visando ao futuro, para marchar incessantemente n'um trabalho que não é para nós. É só assim que resisto a desanimos, a alquebramentos que muitas vezes me querem invadir.

Limitae, pois, meu papel, limitae os casos que posso decidir e sobretudo harmonizemos o cargo que desempenho com o grau de confiança que vos devo merecer; ponhamol-o de accordo com a realidade, para que, nos casos criticos, não nos debatamos no vago.

Assim tratarei de vos poupar desgostos, que tão penosos vos são, e tratarei de evital-os eu proprio, sendo-vos talvez mais util no encargo que tão pesadamente vos opprime muitas vezes. Actualmente, seria preciso vos entreter constantemente com episodios analyticos, dispersivos que, accumulados, vêm a produzir uma perturbação decisiva. Era preciso que, a maneira de duas cordas, nos destendessemos igualmente, pelas mesmas tensões, que eu vos communicasse, arrebentando no mesmo ponto. Dadas as idiosyncrasias, dada a vossa superioridade, seria isso impossivel; e nem meus trabalhos, nem as preoccupações de aperfeiçoamento, me permittiriam uma occupação tão divergente.

Escrevei a respeito e ficae certo que olho sempre a necessidade geral de ir para diante, e sempre me confirmo nos propositos anteriores. A estima e o respeito que tenho por vós, não serão tão filiaes como foram outrora, mas são ainda tão asseguradoras de nossa união, de nossa solidariedade e subordinação consciente por um fim geral, pela unidade collectiva, pela continuidade humana. Sómente agora a experiencia mostrou a necessidade de uma organisação que me tire do vago e da indolencia tão favoraveis ao egoismo.

—Tenho conseguido parte do emprestimo,[1] aos poucos; até hoje estou certo de vos mandar 1:200$ no dia 3, e então vos direi do resto, nada vos podendo affirmar agora. Como me dissestes que ahi era difficil o emprestimo, resolvi tentar aqui mesmo parcialmente, porque o pouco conseguido já facilitaria muito.

Renovo meus amicaes e respeitosos cumprimentos

1. Tratava-se de um emprestimo á nossa Igreja, de 3:000$, para acudir a certos serviços urgentes. Realizei logo depois esse emprestimo aqui, dispensando o Sr. J. F. dessa incumbencia.— M. L.

a D. Albertina e a vós: o mesmo por Ritinha, e ambos nos recommendamos aos irmãos que vos rodeiam.

Saude e respeito.

Todo, todo vosso no Amor e serviço da Fé altruista.

JOSÉ FELICIANO.

(6, rua General Jardim.)

P. S. — 3 de Homero.

Estive com o E. cuja familia hontem visitámos, e tenho de completar o que vos disse a seu respeito. Assegurou-me que nada *narrou* ao P., e que só o aconselhou á se dirigir a vós, porque em lenga-lenga estirada, lhe queria demonstrar toda sua innocencia e minha total culpabilidade. E a proposito, confirmando o que antes respondera a meus fraternaes reparos, declarou que havia acabado com as preoccupações dispersivas de chacareiro, o que lhe permittirá melhor frequentar nossas reuniões em o anno actual.

— Devo tambem aproveitar a occasião para rectificar uma nota de minha carta de 14 de Bichat: o Sr. P. não comprou o terreno em que edificou sua casa. O Sr. S., o «infeliz» é que lhe fez delle doação (no valor hoje de 10 contos) e esse é o capital que a «Humanidade lhe confiou» e que o Sr. S. *lhe quer tirar*. — Si quizerdes saber de outros factos que mostram a ingratidão do Sr. P., interrogae-me, como já vos disse. Espontaneamente em exposição analytica, me repugna, me amarga, me aborrece estar revolvendo estas cousas.—J. F.

2º P. S. Vai junto a carta do Sr. P. que me enviastes, e que não commentei completamente: tirei nota dos trechos cujos commentarios vos poderei enviar, quando entenderdes me interrogar a respeito.—J. F.

Rio de Janeiro, 5 de Homero de 110.

Sr. Jozé Feliciano de Oliveira.

S. Paulo.

Acuzo recebidas vossas cartas de 1 e 2 do corrente.

Lamento que uma interpretação erronea dos intuitos e alcance de minha carta de 25 de Moizés, a que fostes levado pela vossa ecessiva sucetibilidade pessoal,

determinasse de vossa parte novas manifestações de defeitos e de dispozições que alem de não terem justificação real, não se compadecem, nem com a minha indole, nem com as condições que julgo necessarias para que eu possa exercer convenientemente a minha autoridade junto daqueles que livremente a aceitão.

Só vos responderei daqui a alguns dias, não sómente porque dezejo amadurecer pela reflexão o que deverei comunicar-vos sobre o assunto, mas tambem porque julgo de bom conselho ouvir alguns amigos e confrades, especialmente o Sr. Teixeira Mendes.

Deploro, e muito, que á questão P.—quazi sem importancia — tivesseis sem necessidade ajuntado uma questão vossa, que para mim assumiu carater gravissimo, á vista do tom e dos conceitos de vossas duas ultimas cartas.

Nossos respeitos á vossa espoza.

Vosso na Humanidade.

MIGUEL LEMOS.

S. Paulo, 7 de Homem de 110 (4 de Fevereiro de 1898)

Ao Cidadão Miguel Lemos.

Rio.

Meu eminente Chefe e Amigo.

Hontem vos escrevi, participando-vos que, por intermedio do Banco Commercio e Industria, desta cidade, vos enviára a quantia de 1:500$000, e que devieis receber ahi na casa Souza, Filhos & Comp.

Hoje recebi vossa carta de 5, que me satisfez quanto á esperança de resolvermos plenamente a tensão de nossas relações, dispondo da madureza e calma apropositadas.

Sinto, porém, muito e muito que, dando gravissimo caracter» a uma resolução inadiavel, propendaes a romper a *tensão*, em vez de a transformar n'uma digna *expansão*, em prol de nossa propaganda, em prol da Humanidade, que mais e mais carece da activa dedicação de todos seus filhos. A suppressão do tratamento com que encimaes vossas cartas, si não foi inadvertencia,

como num doloroso caso anterior, é para mim um indicio desagradavel, que desejaria remediar dignamente.

Que essas palavras, confirmando meus intuitos essenciaes, vos sirvão para mostrar quanto desejo a união religiosa, quanto apenas desejo a melhoria da incomportavel prevenção tensiva que soffro desde o fim de 1894; ha mais de tres annos, e que exigiu agora uma decisão plenaria.

Desejando muito ser acreditado em minhas sãs intenções, e, com actos, tudo dignamente fazendo para isso, —continuo disposto a novos sacrificios, para um melhor accordo em bem de nossa Fé.

Nossos amicaes respeitos a D. Albertina, vossa dignissima esposa.

Saude e respeito.

Todo vosso no Amor, e serviço da Fé altruista.

JOSÉ FELICIANO.
(6, rua General Jardim.)

P. S.— Só agora, 2 horas, recebi vosso telegrama, [1] que ficou retido por engano na direção. Não mandarei o resto do emprestimo e espero carta.— J. F.

Rio de Janeiro, 10 de Homero de 110.

Sr. Jozé Feliciano de Oliveira.
S. Paulo.

Venho hoje comunicar-vos a rezolução a que fui levado logo que tomei conhecimento de vossas lamentaveis cartas de 1 e 2 de Homero corrente, mas que demorei alguns dias para ter tempo de amadurecê-la pela reflexão e poder ouvir sobre o cazo ao Sr. Teixeira Mendes e confrades daqui, conforme vos avizei ao acuzar o recebimento das referidas cartas.

Mas antes de o fazer devo consagrar algumas palavras á minha carta de 25 de Moizés p. p., determinante de vossa inesperada explozão. Essa carta, como qualquer pessoa sem prevenção poderá verificar, em nada

1. Nesse telegrama eu dispensava o Sr. J. F. de conseguir o emprestimo aludido, de que já falei, na nota anterior.— M. L.

podia magoar a sucetibilidade de qualquer dos nossos confrades. Ela apenas significa de minha parte o cumprimento de um dever a que eu não me podia furtar, e o que eu vos pedia nela era apenas um documento pelo qual a pessoa acuzada pudesse ter siencia autentica das acuzações que pezavão sobre ela; e até a sua redação indicava que eu não havia mudado o juizo que formara sobre o assuuto á vista de vossas anteriores informações em carta particular. Qualquer pessoa menos prevenida teria visto logo que eu apenas procurava, como é elementar em toda questão em que alguem tem de ser arbitro ou juiz, fornecer á parte acuzada garantias completas de minha imparcialidade, antes de ser condenada. Por outro lado, como chefe religiozo aceito por ambos, posto que em categorias diversas, eu não podia deixar de pedir-vos que nessa peça acuzatoria, que ia ser prezente ao acuzado como baze de minha decizão, sem diminuir a gravidade de suas faltas, fosseis menos aspero e violento (como vos tinheis mostrado nas anteriores informações); de sorte a evitar que, ferindo-lhe em ecesso a vaidade e o orgulho, lhe tornasseis mais dificeis o reconhecimento e a emenda de suas culpas. Foi isso o que eu quiz significar quando vos recomendei que fizesseis a expozição do cazo «com verdade e caridade de modo a que ele não deixasse de merecer as censuras a que fez juz, sem que se lhe trancasse a porta ao digno arrependimento». E tanto mais me cumpria fazer-vos essa recomendação quanto o acuzado declarava-me de antemão: «estou na firme e cordeal rezolução de fazer tudo que me indicardes para reparar as faltas que acharem que cometi».

Devido á situação moral que as vossas ultimas cartas tão perfeitamente caraterizão, nada disto comprehendestes e só vistes em minha atitude uma nova prova das prevenções e desconfianças que gratuita e ingratamente me atribuis em relação a vós. Fostes ainda mais longe, pois de vossas cartas transparece a insolita pretenção de que me não competia a mim intervir no incidente, e que só a vós cabia rezolver o cazo em primeira e ultima instancia. Ninguem certamente que não esteja obsecado pelos mesmos sentimentos que vos perturbão tão profundamente a apreciação das menores coizas, poderá admitir que não possa qualquer pessoa, confrade,

simpatica ou adversaria, num conflito com um confrade nosso, apelar para a minha decizão final; e ninguem tambem deixará de reconhecer que me corre o dever de aceitar o encargo, e de cercar a minha sentença de todas as garantias de justiça e imparcialidade.

Para mim é evidente, e assim o foi para todos os que lêrão a minha carta de 25 de Moizés p. p., que os intuitos e o objetivo dela são obvios, saltão aos olhos e estão, portanto, ao alcance de qualquer. Entretanto, como é que recebêrão de vós uma interpretação tão diferente e oposta? A explicação está, repito, na situação moral que as vossas ultimas cartas pintão e nas dispozições e sentimentos reais que elas revelão para comigo e que eu não suspeitava tais. Não entrarei na refutação dessas missivas, e muito menos na analize do estado moral que elas patenteião, não só porque isso nada adiantaria para a unica soluçáó que o cazo comporta, mas tambem porque, por mais benigno que eu quizesse tornar esse exame, eu apenas conseguiria exacerbar mais o vosso animo.

Limito-me, portanto, a declarar-vos que os sentimentos e dispozições que nessas cartas manifestais em relação a mim, julgo-os incompativeis com a continuação de nossas relações, quer como simples confrades quer, muito menos, nas nossas pozições respetivas de chefe e subordinado. Para que duas ou mais pessoas, possão cooperar numa mesma obra, é necessario que, alem do acordo geral quanto aos meios e fins, existão entre elas certos sentimentos fundamentais de mutua cordialidade e confiança. Tal necessidade sóbe de ponto tratando-se de subordinados e chefes que devem estar ligados pelos sentimentos e dispozições que as categorias de uns e outros exigem respetivamente. E assim como cada qual é livre de escolher para chefe um certo individuo pelos requizitos que reconhece nele e pela confiança que lhe inspira, e de abandoná-lo quando verificar que ele não mais corresponde a esse conceito; assim tambem a cada chefe assiste a faculdade de escolher seus subordinados, conservando aqueles que preenchem as condições reclamadas por essa subordinação, e separando-se dos que as infringem gravemente.

Ora, ninguem contestará, após conhecimento de vossas ultimas cartas, que não tenhais aberrado das con-

dições elementares de toda subordinação a mim como vosso chefe espiritual. Isso é evidente: ainda mesmo que as vossas queixas e censuras fossem fundadas, quanto mais sendo já tudo isso produto de uma imaginação exacerbada.

Isto posto, não deveis extranhar que eu vos comunique que rezolvi desligar-vos inteiramente do nosso gremio e da minha autoridade, restituindo-vos vossa inteira independencia de ação. Liberto assim dos tropeços que, segundo vós, eu criava continuamente ao dezenvolvimento de vossos prestimos e serviços, podereis proseguir por conta propria a vossa carreira pozitivista. E esta solução é tanto mais apropriada ao cazo prezente quanto eu sempre admiti em principio que se póde ser pozitivista e propagar o pozitivismo fóra de nossa igreja e apostolado, que sempre considerei como uma livre tentativa de propaganda e de organização pozitivistas, muito afastada da excluzivista pretenção de que fóra do nosso gremio não ha salvação possivel. Emancipado de minha autoridade, que tanto vos peza e tolhe, dezejo que sejais mais bem sucedido daqui por diante em vossos tentamens de propagandista, ficando eu, porem, convencido, sinceramente vô-lo digo, que só não naufragareis si vos corrigirdes dos gravissimos defeitos para cuja emenda nunca deixei de esforçar-me com paternal empenho. Mas no dia em que reconhecerdes esses defeitos e encetardes verdadeiramente a sua reforma, nesse dia terá soado tambem para vós a hora do arrependimento. Assim seja!

Antes de terminar devo, porem, afirmar-vos aqui, de modo solene, como unico protesto contra os conceitos e as expressões de vossas ultimas cartas, que tenho nitida e cabal consiencia de haver sempre procedido para comvosco como um verdadeiro amigo, confrade e chefe. E sob este ultimo aspeto devo ainda acrecentar que nunca vos faltárão os meus conselhos e as minhas animações, tendo-vos dado todas as provas de cordialidade e confiança que me parecieis merecer. Nunca hezitei nesta triplice solicitude, mesmo depois de ter reconhecido os graves defeitos que empanavão os vossos bons dezejos e de ter-me deziludido sobre o merito intelectual que espontaneamente vos supuz no principio.

Quanto á vossa ultima carta, de 7 do corrente, ela não faz sinão confirmar as vossas dispozições manifestadas nas duas anteriores, sendo tão densa a vossa cegueira ao ponto de verdes em minha resposta de 5 do corrente uma esperança de que eu ia enfim submeter-me á vossa intimação aprezentada sob o pretexto de se dar nova organização ao centro de S. Paulo e de definir as vossas atribuições! Nessa carta apenas me sorprehendeu a declaração de que o que em vossa linguagem qualificais de *prevenção tensiva*, datava já desde fim de 1894. Eu ainda não tinha dado com isso, e a hipoteze que eu fazia de vossa atitude em relação a mim era muito diferente. Mas pouco importa saber agora a data em que começastes a desconfiar de mim.

Hoje mesmo endereço aos nossos confrades e correligionarios mais intimos uma circular comunicando-lhes o vosso desligamento, ajuntando como unico comentario copias das vossas ultimas cartas, precedidas da minha de 25 de Moizés, que as determinou, e seguidas das que vos escrevi em resposta, como duas ou tres notas a outros tantos topicos de vossas cartas. Nessas copias, por conveniencias sociais e morais obvias, apenas suprimi os nomes de certas pessoas, e o fim de um trecho concernente a uma senhora, conquanto nada haja ahi de desfavoravel a esta.

Vosso servo na Humanidade,

MIGUEL LEMOS,
Diretor da Igreja e do Apostolado Pozitivista do Brazil.

P. S.— É natural que dezejeis saber a quem devereis entregar os objetos de nossa propriedade, publicações, etc., que se achão sob vossa guarda, e bem assim os que forão dados por nós para o centro de S. Paulo, com um destino coletivo. Indico para isso o Sr. Godofredo Furtado, com quem tambem vos entendereis sobre qualquer liquidação de contas ou de qualquer outro assunto relativo aos encargos que tinheis.

Quanto ao emprestimo de que eu vos tinha encarregado anteriormente, já vos comuniquei que o havia conseguido aqui, e que atualmente, em qualquer hipoteze, vos dispensaria dessa incumbencia.— M. L.

NOTAS *

1ª — Em sua carta de 25 de Homero, o Sr. J. F. diz que em resposta á comunicação que me fez do incidente com o Sr. P., eu me limitei a lamentar o desfecho e a declarar que não havia outra coiza a fazer. Não guardei copia do bilhete que escrevi nessa ocazião ao Sr. J. F., mas lembro-me do que escrevi a esse propozito, e foi o seguinte, salvo diferença de uma ou outra palavra: «Lamento o incidente que se deu com o P., mas que fazer?» E, de fato, aceitando com confiança a narrativa do Sr. J. F., e não tendo a outra parte me comunicado coiza alguma, nem apelado por mim, nada podia eu fazer, tratando-se de uma pessoa a quem, por não pertencer ao nosso gremio, eu não devia dirigir-me sobre similhante assunto sem prévio convite dela.

Nesse mesmo topico e noutro mais adiante, o Sr. J. F. alude ao juizo que eu anteriormente lhe havia manifestado sobre o Sr. P. Não me recordo com precizão o que eu disse então ao Sr. J. F., mas o que eu posso afirmar é que os meus reparos só devião ter vizado certos exageros e esquizitices que eu notava nas aplicações que esse neofito tentava fazer do pozitivismo, exagerações e exquizitices que me impressionavão mal e sobre as quais eu já tinha enviado advertencias ao proprio Sr. P., por intermedio de um amigo dele.

2ª — Nessa mesma carta o Sr. J. F. refere-se a uma «durissima reprimenda que amargou silenciozamente pelo bem geral.» Julgo conveniente contar o que isso foi. Por varias vezes o Sr. J. F., com verdadeira importunação se queixara a mim e ao Sr. Teixeira Mendes de não receber suficientes cartas nossas, e sobretudo de que não lhe enviavamos noticias minuciozas do que aqui se dava. Outras tantas vezes explicámos ao Sr. J. F. que nem sempre tinhamos lazer para escrever amiudo e longamente, e que quanto a noticias ele só deixaria de receber as que carecião de importancia, pois as outras sempre lh'as communicavamos com mais ou menos presteza,

* Estas notas acompanhavão a copia das cartas precedentes, anexa á minha circular. — M. L.

alem do que ele poderia saber por outros confrades. Havia já muito tempo que o Sr. J. F. não voltava mais a esse assunto, o que me fez crer que ele afinal se havia conformado com as nossas explicações. Mas em Maio do ano passado, fui sorprehendido por ele com as mesmas reclamações, e desta vez num tom por demais inconveniente. Respondi-lhe então censurando, como me cumpria, tal procedimento, e declarando-lhe que, considerando esta materia assás explicada, não responderia a novas reclamações que me fossem feitas no mesmo tom. Pois bem, o Sr. J. F. nunca me acuzou o recebimento desta minha carta. Notei, porem, que dahi por diante a fórmula com que ele encimava as suas cartas: «Meu estimadissimo chefe e caro amigo» foi substituida por esta outra: «Meu eminente chefe e amigo» — que conservou até agora. Nada disso me passou despercebido, mas achei que o melhor era não me dar por achado, por acreditar que se tratava de um aborrecimento passageiro. E, pela minha parte, em nada alterei minha atitude e minhas relações para com ele, continuando a escrever-lhe como dantes, quando podia e com a extensão que as minhas ocupações me permitião.

M. L.

Documento complementar

Rio de Janeiro, 13 de Aristoteles de 110. *

Ao Cidadão Joaquim da Silveira,

S. Roque.

Prezado amigo e confrade.

Estou de posse de vossas cartas de 8 e 11 de Aristoteles corrente.

Não é de estranhar que partindo de um ponto de vista muito diferente do meu, devido á estreita amizade que vos liga ao Sr. Jozé Feliciano, considereis este ex-confrade e o seu procedimento atravez de um prisma diametralmente oposto ao meu. Com efeito, fazendo ainda do vosso amigo o melhor conceito, procurais atenuar a sua conduta, exaltar as ecelentes qualidades que supondes nele, e atribuis, até, os seus erros e defeitos á propria energia de suas outras funções cerebrais, esperando que essas imperfeições sejão afinal corrigidas em virtude mesmo dos atributos superiores que reconheceis nele.

* A carta que se vai ler tinha um carater particular e quazi intimo, e, como se verá de sua leitura, foi simples resposta á que sobre o assunto me tinha escrito o Sr. Joaquim da Silveira. Este documento não era destinado á publicidade, mas julguei do meu dever enviar uma copia ao Sr. Godofredo Furtado, autorizando-o, segundo os termos da carta que lhe escrevi nessa occazião, a comunicá-la «com certa rezerva aos confrades e aos simpaticos de mais confiança, pois não dezejava alimentar sentimentos destruidores, mas apenas eselarecer e confirmar os que bem havião procedido neste assunto».

Mais tarde, um confrade nosso de S. Paulo, tendo-me escrito manifestando-se muito prevenido a favor do Sr. J. F., pedi-lhe, afim de não ser obrigado a repetir as mesmas coizas, que lesse a referida copia enviada ao Sr. Godofredo Furtado; os termos de sua carta indicavão que ele não tinha deprehendido por si o juizo que hoje me devia merecer o Sr. J. F. e que, portanto, tambem não conhecia a carta supra, dirigida ao Sr. Silveira. E para esclarecê-lo a respeito, foi que o remeti á essa carta.

Ao mesmo tempo, o Sr. Joaquim da Silveira escrevia-me que o Sr. J. F. insistia para que ele lhe communicasse aquela carta, mas que ele o não queria fazer sem autorização minha, pois que parecia-lhe que essa carta era de carater confidencial e a sua comunicação ao Sr. J. F. poderia irritar-lhe

Ora, eu estou hoje no polo opôsto. Depois de prolongadas relações em que me foi dado perscrutar o mais íntimo da sua natureza; depois de uma serie de imparciais observações, rematadas pelas evidencias de suas ultimas cartas, cheguei a um juizo firmissimo, extremamente desfavoravel ao vosso amigo. E quero mesmo poupar á vossa amizade a expozição pelo mundo desse meu juizo. Basta que saibais que hoje tenho pela sua pessoa o maior dezapreço, e que, portanto, não só não lhe reconheço os dotes que lhe atribuis, como até acho muito dificil que ele volte um dia ao nosso gremio, como esperais, porque não me parece capaz de operar em si mesmo a reforma moral que essa volta supõe. Tambem não posso, pelos mesmos motivos, explicar os seus erros e defeitos pelo modo por que o fazeis, sobretudo a sua atitude para comigo; e só o afeto que lhe consagrais é que póde inspirar-vos tamanha indulgencia neste particular, pois que nem siquer tendes um qualificativo para as cartas que ele não trepidou em endereçar-me. Pareceis não ver em similhante atitude sinão um arrebato de momento, desses a que estão sujeitas as naturezas

o animo, alterando os eccelentes intuitos do seu amigo (!) Respondi dizendo: «Essa carta não a considero rezervada sinão alem dos limites dos nossos confrades e adherentes mais chegados, tanto assim que julguei util comunicar uma copia ao Sr. Godofredo Furtado, autorizando-o a comunicá-la por sua vez aos confrades e simpaticos de mais confiança. A vista disto não ha motivo para que negueis ao Sr. J. F. comunicação da referida carta, tanto mais que a recuza será mal interpretada por ele, quer contra mim, quer contra vós. Por outro lado, não é mau que ele conheça com mais precizão o desenvolvimento o meu juizo sobre ele, porque, si de fato, ele fôr capaz de regenerar-se, essa prova concorrerá para isso». Nada mais dizia eu sobre o assunto.

Determinados assim o carater desta carta e os limites restritos de sua comunicabilidade, estou certo que ninguem tachará este documento de pouco moderado ou agressivo; pelo contrario, lido ele agora, depois que as manifestações publicas do Sr. J. F., vierão confirmar tão sobejamente os juizos ahi apenas esboçados, quer-me parecer que os leitores imparciais e bem informados abonarão, pelo contrario, a minha moderação e comedimento.

Finalmente, comparando-se esta carta particular com as que o nosso Mestre escreveu a propozito de alguns cazos pessoais, e nomeadamente do cazo Bigniêres, reconhecer-se-á que nem siquer fui, no fundo e na fórma, até onde tais modelos podião ser legitimamente imitados.

Com estes esclarecimentos, o publico julgará si a comunicação privada deste documento ao Sr. J. F., com autorização minha, póde justificar perante qualquer alma honesta, no cazo de que se trata, as indignas represalias desse infeliz moço.—M. L.

ardentes e francas. A meu ver, e no de todos quantos têm apreciado o cazo, o homem que se revelou nesses documentos está julgado, e só, repito, a vossa situação especial é que vos faz destoar dessa unanimidade.

Pensando assim hoje acerca do vosso amigo, não posso tambem acompanhar-vos nas lamentações que externais sobre a perda de similhante auxiliar, nem sobre os males que esse desligamento vai cauzar á nossa propaganda. Pelo contrario, estou convencido de que nos vimos livres de um grande trapalhão e de que a propaganda lucrou muito com isso; porque o que póde lucrar esta com ter á sua frente pessoas incompetentes não só moral mas mesmo intelectualmente? Tambem nunca dei grande importancia aos comentarios do publico por cauza destas nossas divergencias interiores. Quando se dão destes incidentes, eu só me preocupo de cumprir bem o meu dever como chefe, digo-o sinceramente; si julgo que o meu dever, isto é, o interesse da cauza comum, exige que eu contemporize, contemporizo; si o mesmo interesse me aconselha que rompa abertamente, não hezito, rompo abertamente, sem considerar os comentarios dos indiferentes ou hostis. Assim tenho procedido sempre, e nomeadamente em ocazião muito mais melindroza, si é licito comparar as coizas grandes ás pequenas. Refiro-me á minha ruptura com o Laffitte. Nessa emergencia muitos amigos do Brazil e do estrangeiro me comunicárão as mesmas aprehensões que ora manifestais, e respondi terminantemente recuzando tais ponderações, como podeis verificar, relendo nos anexos de minha circular anual de 1883 uma carta minha endereçada a um pozitivista francez (o Dr. Dubuisson) e a que se segue dirigida ao Dr. Robinet. Mas aqui não se trata de coiza alguma comparavel com a gravidade e as consequencias dessa ruptura. Trata-se apenas do desligamento, por um ato de minha autoridade, de um discolo que não podia continuar a fazer parte do nosso gremio, á vista da sua insubordinação evidente. E tenho consiencia de ter executado esta minha rezolução pela fórma mais moderada que o podia fazer, esforçando-me até por poupar a desvairada vaidade de quem tanto me ofendera, agravando a sua conduta com a ingratidão e a suspeita.

O que gera no publico o septicismo em relação ao

pozitivismo não é o conhecimento por parte dele de tais rompimentos, porque ahi ao menos o publico vê que o chefe cumpriu com o seu dever. O que produz o septicismo nas pessoas estranhas á nossa fé é verem individuos que se dizem pozitivistas e que assumem até publicamente o papel de propagandistas dar de si a triste copia que deu o Sr. Jozé Feliciano. Isso, sim, é que mantem a descrença em torno de nossa tentativa regeneradora. E o remedio não consiste em ocultar esses desvios, mas em esforçar-se cada um de nós por evitá-los; mas uma vez dados temos todos, chefes e subordinados, que cumprir com o nosso dever suceda o que suceder. E folgo de reconhecer que nesta questão o cumprimento do meu dever foi admiravelmente secundado por todos quantos aqui, em S. Paulo e alhures reconhecem a minha direção, o que muito consolo me trouxe no meio de tantas tribulações.

Mas similhantes transvios devidos ás paixões egoistas são fenomenos comuns em toda agremiação humana, não me sorprehendem, e si os lamento é mais pelo que perde o decahido do que pelo que póde sofrer com isso a cauza do pozitivismo.

Não posso com certeza ser indiferente á regeneração de quem quer que seja, e por isso, conquanto a julgue dificilima no cazo do vosso amigo, muito prazer teria em ver realizada a vossa esperança neste particular, e transformado ele, mudará tambem o meu juizo. Mas quanto á sua hostilidade em relação a nós, e quanto a continuar ele ou não por conta propria a deficientissima propaganda que ahi iniciara, são coizas que me são absolutamente indiferentes. Apenas como pozitivista lamentarei que a nossa doutrina fique assim exposta a um certo descredito continuando a ter um orgão tão imperfeito. Sabeis que a melhor propaganda é a do exemplo, e que alem disso para agremiar adeptos em torno de si são necessarias algumas qualidades que faltão completamente ao vosso amigo, alem das falhas da sua inteligencia de pouco alcance, estragada talvez irremediavelmente pela literatice e pela prezunção. A sua assimalação do pozitivismo é imperfeitissima, e sobretudo não conseguiu impregnar-se do espirito da doutrina, que ele falseia a cada passo nas aplicações. Faz-me o efeito de uma pessoa que tivesse aprendido alguns teoremas de

geometria, mas conservando-se inteiramente destituida das qualidades logicas e sientificas dessa siencia. Poderia comprovar o que digo com varios exemplos, já anteriores ao seu desligamento, já posteriores a esse fato, como ainda se vê em sua carta ao Sr. Godofredo, de que anexastes copia á vossa.

Nada, pois, temos que lamentar pelo lado do interesse publico com a separação desse ex-confrade; pelo trario, estou convencido que muito lucramos com isso, pelos motivos que já vos expuz.

Aludis, parecendo censurá-la, á atitude *desfavoravel, quando não francamente hostil*, que alguns confrades e simpaticos de S. Paulo assumirão para com o Sr. Jozé Feliciano, em consequencia dos ultimos acontecimentos. Permiti que vos diga que a amizade continua a ofuscar o vosso esclarecido espirito. Assim como é natural e desculpavel a extrema indulgencia com que vedes, por cauza do vosso afeto, a pessoa e a conduta do Sr. Jozé Feliciano, não é menos natural e desculpavel o sentimento de indignação e de repulsa que o conhecimento dos fatos, mediante as proprias cartas do vosso amigo, inspirou a esses amigos da cauza comum, tendo eles assim verificado quão iludidos estavão acerca desse ex-confrade, e feridos na devida veneração pelo seu chefe, indignamente tratado nessas missivas. Sem duvida, nunca aprovarei ecessos contra este ou aquele, mesmo contra os radicalmente maus, mas abstrahindo dos ataques inconsiderados ou violentos, haveis de reconhecer que nós pozitivistas que não podemos esperar pelo juizo do outro mundo, temos que fazer justiça neste mesmo; e que portanto não podemos apreciar e tratar os que procedem mal como apreciamos e tratamos os que bem procedem, salvas, já se vê, as mitigações devidas aos sentimentos generozos. E si convosco não se deu o mesmo, si a conduta do Sr. J. F. não vos feriu de preferencia em vossos sentimentos de veneração para comigo, de fraternidade religioza para com os vossos confrades, e de completa dedicação pela cauza comum, foi porque o apego que lhe tinheis superou todas estas reações que ficárão atenuadas, como o prova o fato de não se encontrar nas vossas ultimas cartas uma palavra de censura para o vosso amigo nem uma de conforto para o vosso chefe. Assim não sejais injusto com aque-

les que não se achando ligados ao Sr. J. F. por laços tão fortes puderão, graças a isso, e não certamente porque vos sejão superiores, ver e sentir nitidamente os verdadeiros moveis e a reprovavel conduta do vosso amigo.

Isto, porem, não quer dizer que eu não respeite e que não ache louvavel a solicitude com que procurais amparar o vosso amigo decahido, e muito menos devo exigir que sacrifiqueis essa amizade que tanto vos prende, pois que não vedes nem sentis as coizas como eu. * Tambem devo declarar-vos que isso não altera o bom conceito que sempre me merecestes, nem diminûi as vivas simpatias que sempre me inspirastes.

Quanto aos verdadeiros sentimentos e dispozições do Sr. J. F. em relação a mim, tambem não posso concordar com o vosso parecer. Estou de sobra confirmado em minha opinião a este respeito, continuando firmemente convencido, pelas suas proprias manifestações após a minha circular, que o vosso amigo só nutre por mim entranhado despeito, como aliás já está bem patente em suas ultimas cartas. Si o vosso testemunho e o de outras pessoas é contrario a isto, eu só posso explicar esta contradição admitindo que o Sr. J. F. com algumas pessoas julga conveniente afetar cordura e moderação, e com outras manifesta o que realmente pensa e sente. Sobre este particular não posso ter nenhuma duvida, e para com um unico fato rezumir toda a situação, bastará dizer-vos que o desvario desse moço chegou ao extremo rizivel de explicar a má vontade que ele me atribûi em relação a si a puro *ciume* da minha parte, o que aliás transparece já em suas ultimas cartas. Este disparate dá idéia não só dos seus verdadeiros sentimentos, como do grau de toleima a que o levou a sua pueril enfatuação. Consola-me, porem, a lembrança de que o nosso egregio Fundador teve tambem um dia um dicipulo (Blignières) que não recuou, ferido em sua vaidade, ante o estulto atrevimento de fazer-lhe acuzação parecida, escrevendo-lhe, entre outras coizas, que «ele (Augusto Comte) preferia que o pozitivismo ficasse ignorado a que se tornasse conhecido por diligencia de outros». Faço esta aproximação com a resalva do poeta latino,

* Lembro que isto foi escrito antes da publicação do «sinistro» folheto e dos ultimos artigos na secção livre no *Estado de S. Paulo*.— M. L.

que desta vez aplico a mim mesmo: « si é licito comparar as coizas grandes ás pequenas».

Sei, portanto, por um conjunto de documentos e de testemunhos irrecuzaveis, incluindo a sua propria confissão, quais os verdadeiros sentimentos do Sr. J. F. em relação a mim. E aceitar a especie de treguas que ele me manda propôr por vosso intermedio, seria, a meu ver, pactuar com a hipocrizia, alem de que não são necessarias treguas onde não ha guerra, pois que esta supõe pelo menos dois contendores, e eu tenho mais que fazer do que ocupar-me em combater esse ex-confrade.

Passo agora ao assunto especial do vosso post-scriptum e da vossa carta de 11 de Aristoteles, recebida hoje.

Lamento como vós que não tivesseis recebido em tempo a minha carta de 8 do corrente, de modo que vos evitasse aceitar a incumbencia de intermediario do Sr. J. F. junto a mim. Já vos declarei que não aceito similhante transferencia, apezar do muito que vos considero. Continuo firme no meu propozito, que se extende a qualquer assunto que o vosso amigo se lembre de querer tratar comigo, salvo como já lh'o declarei a ele proprio, o do seu arrependimento e emenda. Apenas em atenção a vós direi o que se segue.

Sempre distingui a restituição do que nos pertencia e dos objetos dados por nós para uzo comum do grupo de S. Paulo, da manutenção da sala dahi e dos objetos que ahi existem dados com um destino coletivo pelos nossos confrades e simpaticos desse Estado. Achei que esta segunda parte devia ser rezolvida por iniciativa desses doadores e contribuintes, entendendo-se eles com o Sr. J. F. Eu entendi que devia respeitar essa iniciativa em um assunto de natureza mais local, para deixar a todos em condições de se manifestarem espontaneamente sobre o conflito. Mas isso não quer dizer que eu não tenha uma opinião a respeito, e é que, tendo o conjunto dos confrades e simpaticos paulistas se conformado com a minha rezolução relativa ao desligamento do Sr. J. F., abandonando-o, este devia imediatamente fazer entrega de tudo á pessoa que eles indicassem para receber a sala e o mais. Ora, os nossos amigos fizerão essa indicação na pessoa do Sr. Godofredo Furtado que eles incumbirão de reclamar do Sr.

J. F. a entrega dos referidos objetos, e da sala, cazo ele não quizesse ficar com esta por sua conta.

Quanto á pretenção de fazer depender esta dupla entrega da indicação feita por mim de um *substituto* para uma *direção* que nunca existiu, é simplesmente irrizoria. Não tenho que dar satisfações ao Sr. J. F. sobre os meus projetos relativos a propaganda em S. Paulo, nem sobre si nomearei ou não qualquer substituto. Ele foi que quiz de *motu proprio* entregar-se ahi á propaganda, si bem que com a minha animação e sanção, mas sempre considerando eu essa tentativa como um simples ensaio de suas forças e capacidade. Nunca, porem, o investi de chefia alguma, e ás diversas solicitações que ele me fez neste sentido, pedindo-me a organização sistematica do grupo de S. Paulo, respondi invariavelmente que não achava isso oportuno, e *que ele deveria conquistar pelos seus proprios esforços a sua acendencia pessoal*, e que eu então sancionaria essa acendencia provada. * Como fui bem inspirado en proceder com toda a prudencia que o assunto exigia!

Ora, si esta é a verdade a que vem essa atitude de chefe demitido que reclama da autoridade que o demitiu a nomeação de um substituto a quem passar o cargo que exercia? É simplesmente disparatada tal pretenção como tudo o mais.

Nem o Sr. Godofredo nem eu confundimos na questão os objetos que pertencião á Igreja central com o negocio da entrega da sala e dos objetos pertencentes ao grupo de S. Paulo. Foi mesmo em relação aos primeiros que estranhei as delongas do Sr. J. F., sem desconhecer o pretexto da liquidação de contas com os livreiros, porque isto não podia justificar tanta demora.

Não tenho nenhuma quitação a dar ao Sr. J. F. por qualquer quantia que ele me tenha remetido, depois da primeira de suas cartas determinantes da sua excluzão, pois que a unica remessa feita por ele depois dessa carta, a de 1:500$000, eu recuzei receber por ter entendido que

* Mantenho o que acima disse, apezar da negativa oposta pelo autor do «sinistro» folheto. A questão foi tratada, não em cartas, (pelo menos não me lembro disso), mas em conversas aqui, no Rio, numa das vezes, não posso precizar qual, em que o Sr. J. F. veio a esta cidade. Poderia, até, citar o testemunho de um confrade que se achou prezente numa das ocaziões em que tocamos nessa materia, mas não o faço, porque acredito sinceramente que basta neste cazo a minha afirmação.— M. L.

era dinheiro enviado por conta do emprestimo anteriormente pedido e que eu tinha dispensado. Depois recebi, enviada pelo Sr. Godofredo, a nota coletiva das contribuições de Fevereiro, com a quantia correspondente, mas esta, segundo o recibo que passei, veio já por conta desse nosso confrade. Que tem, pois, o Sr. J. F. com a remessa deste dinheiro? Si ele entregou ultimamente ao Sr. Godofredo quantias provenientes de contribuições, é desse amigo e não de mim que tem que receber quitação.

Os unicos papeis que tinha, salvo erro pouco provavel de memoria, para devolver ao Sr. J. F. erão os relativos á tristissima questão Freixo (tristissima para ele),* os quais acabo de devolver por intermedio do Sr. Godofredo, não os tendo restituido ha mais tempo porque só agora é que pude ler esses e outros documentos concernentes á referida questão.

Limito-me a isto, e ainda assim, repito, em atenção a vós, e espero que a vossa amizade consiga ao menos fazer comprehender ao Sr. J. F. que a sua propria dignidade lhe aconselha a entrega imediata de tudo ao Sr. Godofredo Furtado, meu reprezentante e reprezentante dos confrades e simpaticos de S. Paulo.

Peço-vos desculpa não só por tão longa carta, mas tambem por qualquer expressão minha que possa magoar os sentimentos afetuozos que vos ligão ao Sr. J. F., apezar de me ter esforçado em cingir-me ao que me parecia indispensavel para responder convenientemente ás vossas ultimas cartas.

Meus respeitos aos vossos e contai sempre com a estima e a simpatia sincera do

vosso servo na Humanidade

MIGUEL LEMOS.

* Tristissima, pelo descomedimento brutal com que o S. J. F. respondeu a um simples cartão do Sr. Freixo, em que este lhe pedia, cazo lhe fosse possivel, o pagamento de uns muros que tinha feito para limitar um terreno de propriedade do Sr. J. F., fundamentando esse pedido num apuro financeiro do momento, sobre a qual enviava informações. Tal foi a origem do conflito pessoal, que foi apenas *occazião*, e não cauza, do desligamento do Sr. J. F. — M. L.

APENDICE

A propaganda pozitivista em S. Paulo

Com este titulo acaba o Sr. Jozé Feliciano de publicar um folheto atacando o diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil. Estou tão certo que similhante manifestação só póde regozijar aos adversarios da Religião da Humanidade, como do pouco alcance da perturbação que ele vem trazer á regeneração social. Não creio tão pouco que o longo passado de dedicação, publica e privada, do meu chefe e incomparavel amigo, — a quem o proprio Sr. Jozé Feliciano deve, tanto como eu e a quazi totalidade dos que entre nós são influenciados pelo Pozitivismo, o conhecimento da nossa doutrina, — possa ser mareado pelo ataque de que se trata. Por todos esses motivos, teria reduzido as reações desse opusculo sobre mim ás horas que me custou a sua leitura, si não me visse ahi mencionado com referencias elogiozas.

Uma vez, porem, que o meu nome foi citado com epitetos laudatorios julgo do meu dever fazer esta simples declaração. Perzisto na perfeita solidariedade, moral, intelectual, e pratica, em que me acho com o meu chefe e amigo desde o inicio da propaganda pozitivista. Continuo a julgar-me insuficiente para a função espiritual que dezempenho e que apenas exerço e exerci até hoje em falta de quem o faça melhor, a juizo do meu chefe e dos meus confrades. O que sei do Pozitivismo habilita-me, porem, a considerar a conduta do Sr. Jozé Feliciano como o rezultado das ciladas que a sua vaidade e o seu orgulho armão ao conjunto da sua existencia e que o acabão de fazer consumar uma monstruoza ingratidão.

De fato, o seu opusculo, apezar das inumeras citações do nosso Mestre, constitúi mais uma prova de que ele até agora só apanhou a *letra* do Pozitivismo e não o

espirito da Religião da Humanidade. O mesmo se póde dizer do seu conhecimento do Catolicismo. Seria inutil, para outrem, entrar em uma argumentação especial a tal respeito, a vista do ocorrido. E, no dia em que tal demonstração lhe fôr eficaz, ella não poderá abrir-lhe melhor os olhos do que a humilde e altruista meditação do seu tristissimo folheto e do conjunto do seu procedimento. A cultura scientifica e estetica a que ele promete ir agora entregar-se, *antes da sua regeneração moral*, só póde agravar as tentações que o perdêrão. O egoismo da sua atitude é tal, que a sua dificuldade de percebe-lo está em *sentí-lo* e não em *convencer-se* dele.

É bom todavia recordar que o folheto do Sr. Jozé Feliciano vem trazer uma nova confirmação do juizo que nosso Mestre emitiu, a propozito do ingrato dicipulo que determinou a sua morte prematura: «um trabalho como o do Sr. Blignières, alem de não exigir nenhum talento, não constata nenhuma convicção real, *a vista da deploravel faculdade que proporcionão os estudos atuais, tanto na Escola Politecnica como nos colegios literarios, de expôr o que não se comprehende.*» (Cartas a Hutton, p. 112.)

O Sr. Jozé Feliciano considerou-me o *unico* apostolo da Igreja Pozitivista brazileira porque foi a mim que coube a função subalterna de *expôr verbalmente* a Religião da Humanidade. Ele mostra assim desconhecer que a maior dificuldade de uma religião está em aplicar a doutrina á conduta, publica e privada, e não em repetir as formulas construidas ou mesmo tirar os seus *corolarios abstratos*. Assim, aquele que pretendia dirigir o Pozitivismo em S. Paulo revela de fato que é ainda vitima do preconceito pedantocratico que faz consistir o maior merito na *capacidade intelectual* apreciada independentemente das aplicações sociais e morais das concepções. Ora, o nosso Mestre provou que justamente nessas aplicações rezide a melhor demonstração da verdadeira força e da verdadeira profundeza mentais, como da real elevação moral, dos dignos diretores espirituais. Pois que é só assim que se patenteia haver percebido convenientemente a harmonia entre a teoria e a pratica, que é a origem e o fito das construções mentais pozitivas.

Oxalá sejão estas palavras acolhidas pelo Sr. Jozé

Feliciano como o juizo *pozitivista* de um homem que faz sinceros votos para que o seu futuro repare a falta gravissima em que incorreu.

R. TEIXEIRA MENDES,
Vice-diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil.

Rio, 25 de S. Paulo de 110.

NOTA *

Devo acrecentar a este escrito do Sr. Teixeira Mendes a seguinte explicação. Tendo o meu amigo lido, antes de mim, o folheto do Sr. J. Feliciano, redigiu imediatamente o protesto que se acaba de ler e veio m'o mostrar e conversar a respeito. Procurei dissuadi-lo disso por me parecer que o cazo não merecia tanto. O meu amigo, porem, insistiu em sua rezolução, como inspirada por um dever social de que a sua consiencia não podia precindir.

Quanto ao que me cabe dizer aqui em relação ao folheto do Sr. J. Feliciano, limito-me a declarar que, como unica resposta a essa inqualificavel agressão, vou publicar a minha circular de 11 Homero 110 (Fevereiro 8, 1898) que o desligou do nosso gremio, seguida dos documentos que lhe anexei, e completada pela carta particular que escrevi sobre o assunto ao nosso confrade o Sr. Joaquim da Silveira.

MIGUEL LEMOS,
Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil.

O Pozitivismo em S. Paulo

A nossa fidelidade não tem limites,
nem eceções, nem condições.
JOZÉ DE MAISTRE.

Desprezando e por isso deixando de retificar as inverdade e de rebater as apreciações malevolas contidas no folheto que o Sr. Jozé Feliciano acaba de publicar sobre «a propaganda pozitivista em S. Paulo», corre-nos, não obstante, o dever elementar de protestar solene e energicamente contra o inqualificavel ataque pessoal de que no referido folheto é alvo o venerando diretor da

* Esta nota acompanhava o artigo precedente do Sr. Teixeira Mendes.—M. L.

Igreja e do Apostolado Pozitivista do Brazil, cidadão Miguel Lemos, com quem continuamos a manter completa e sincera solidariedade.

Como unica resposta a tão descomunal agressão, produto de uma vaidade alucinada e de um orgulho descomedido, transcrevemos em seguida a decisiva e alevantada apreciação que sobre esse tristissimo opusculo publicou o eminente apostolo da Humanidade, cidadão R. Teixeira Mendes.

S. Paulo, 2 de Carlos Magno de 110, (19 de Junho de 1898).

GODOFREDO FURTADO.
Rua da Gloria n. 85.)

— São solidarios com este protesto os cidadãos F. Medeiros Germano, Jeronimo Azevedo, J. A. Paula e Costa, J. da Cunha Barros, L. Medeiros Alves, A. F. Moreira, J. Portugal Freixo, Francisco Viana. — A escassez de tempo não permitiu aprezentá-lo á assinatura de outros correligionarios. *

Como esclarecimento ao publico, cumpre-me declarar que, tendo sido o Sr. J. Feliciano desligado da Igreja Pozitivista do Brazil, fui encarregado pelo cidadão Miguel Lemos de receber as publicações pertencentes ao Apostolado Pozitivista em depozito no ex-Centro de São Paulo. Eis o que me obrigou a ter algumas amargas entrevistas com esse infeliz moço, que hoje vê hostilidades e perseguições por toda a parte: eis o que determinou a publicação de seu panfleto.

Quanto ao que diz respeito ao Sr. Freixo, que não pertence á Igreja Pozitivista, devo igualmente declarar que nada temos com essa questão, á qual somos inteiramente alheios: este senhor, com quem mantemos relações cordiais, adheriu ao nosso justo protesto como simpatico á Fé Pozitiva e contribuinte do subsidio pozitivista.

Por enquanto são estas as informações indispensa-

* Seguia-se o artigo do Sr. Teixeira Mendes atraz reproduzido.—M. L.

veis que julgo do meu dever proporcionar aos que simpatizam com a Pozitivismo e ás pessoas bem intencionadas.

Pelos signatarios do protesto:

GODOFREDO FURTADO.
(Rua da Gloria n. 85)

S. Paulo, 7 de Carlos Magno de 110 (25 de Junho de 1898).

A propaganda pozitivista em S. Paulo

S. Paulo, 3 de Carlos Magno de 110 (20-6-98)

Cidadão Jozé Feliciano.

Como sabeis, o digno diretor do *Apostolado Pozitivista do Brazil* dezaprovou inteiramente a minha interferencia na questão da dissolução do *Centro Pozitivista de S. Paulo*, e ficou de me escrever fundamentando essa dezaprovação.

Aguardava, portanto, a sua carta, que até hoje não recebi, para deliberar a respeito, quando veio á lume o vosso folheto.

A indignação, creio que geral, que ele tem produzido, originou os justos e honrozos protestos que por varios modos se vão lavrando contra essa vossa insolente reprezalia.

É assim que eu, solidario, como sempre fui, com aquele eminente Chefe espiritual, em cuja provada capacidade integral depozito uma confiança inabalavel, me achei agora na contingencia de subscrever o protesto dos meus amigos e correligionarios daqui, calcando dest'arte o espirito conciliador com que supuz a principio poder pôr termo a uma luta contristadora, travada entre irmãos e amigos de hontem.

A publicação, pois, do vosso sinistro folheto, criou para mim uma nova faze nessa ingloria contenda, por gerar em meu espirito a convicção em que estou de ter

errado, dispensando-vos, ainda uma vez, a imerecida benevolencia de que logo o vosso ardil tirou todo o partido.

Enfim, errar não é um crime. *Errare humanum est.* Não confessar o erro e perzistir nele é que é imperdoavel.

Ha um grande merito, e até uma viva felicidade, diz Augusto Comte, na sincera confissão de um erro qualquer, mesmo o mais leve! (*Testamento*, 496)

Portanto, participo-vos que absolutamente não continúo com a parte que tenho no depozito dos objetos que pertencerão ao ex-Centro Pozitivista. [1]

Saude e fraternidade.

JERONIMO AZEVEDO,
Membro da Igreja Pozitivista do Brazil.

Carta de M. P. Lacalde [2]

Buenos Aires, 18 Charlemagne 110.

Cher Monsieur Lemos.

Hier soir, en même temps que la circulaire rédigée [3] par M. R. Teixeira Mendes, j'ai reçu la brochure de M. José Feliciano, que j'ai lue tout entière, pensant y découvrir quelque gros mystère. Je suis arrivé jusqu'à la

1. Como já declarei, em carta particular, ao Sr. Jeronimo Azevedo, este seu protesto resgatou nobremente o erro por ele cometido. Mas, como tambem lhe expliquei nessa mesma carta, si demorei em escrever-lhe sobre o assunto, foi porque aguardava que ele me enviasse copia da carta que lhe dirigira o Sr. J. F., conforme me havia anunciado o Sr. Godofredo Furtado. Essa remessa, porem, nunca foi feita, e eu só vim a conhecer essa peça pelo «sinistro» folheto.

A esta explicação ajuntei algumas observações tendentes a mostrar que o emprego pelo Sr. J. Azevedo, na carta supra, de certas frazes que supunhão ter havido realmente dissolução do centro pozitivista de S. Paulo não se conciliava com o nosso ponto de vista, o verdadeiro, a saber: que o centro pozitivista de S. Paulo continuava como dantes, tendo apenas havido a exclusão de um de seus membros, posto que este fosse o unico que ahi ensaiava as suas forças na propaganda publica.—M. L.

2. Tendo sido esta carta publicada (sem siencia minha) em um jornal de S. Paulo, segundo a copia autografada que distribui aos nossos confrades e correligionarios, reproduzo-a aqui, visto ter deixado de ser, por esse fato, um documento privado.— M. L.

3. Refere-se ao protesto do Sr. Teixeira Mendes que já ficou reproduzido á p. 30.— M. L.

table finale sans y voir autre chose que la pleine justification de la mesure prise à l'égard de ce spécimen maladif d'une inconsciente et débordante vanité. C'est, en vérité, un garçon bien à plaindre dans son aveuglement qui vient de lui faire commettre une irrémédiable sottise. La brochure en question a dû réjouir tous les ennemis de l'Apostolat Positiviste, et, à cet point de vue, la circulaire de M. Teixeira Mendes a été opportune, pour bien montrer que l'union est plus étroite que jamais, entre le politique et le théoricien, entre le Directeur et le Vice-directeur. Il est vraiment dommage que ce pauvre M. Feliciano soit si tristement dévoyé, parce qu'on ne peut lui refuser quelque talent, gâté, malheureusement, par son outrecuidante vanité, qui dépasse les limites extraordinaires pour tomber dans le délire.

Je souhaite vivement que votre légitime ascendant, si laborieusement et si justement acquis, ne souffre point de ces attaques inconsidérées et même perfides, et qu'un si déplorable exemple ne soit pas nuisible pour tous les autres jeunes positivistes que vous êtes parvenu à guérir de la maladie occidentale.

Je comprends ce que vous avez dû éprouver de tant d'ingratitude et de tant de fiel, mais je suis certain que les manifestations sympathiques et spontanées ne vous auront pas manqué pour adoucir un peu l'amertume de cette vilenie...

P. LACALDE.

O Pozitivismo em S. Paulo

Em um dos artigos aqui publicados pelo infeliz bibliotecario e professor da Escola Normal, a propozito de sua excluzão da Igreja Pozitivista do Brazil, escreveu ele o seguinte:

«Era eu em S. Paulo o MAIOR [1] contribuinte da propaganda geral, fazendo ultimamente entradas mensaes de 125$ a 150$ fóra os donativos extraordinarios. Só para as obras do Templo fiz um donativo de dois contos [2] de

1. Os versaletes são do proprio autor do artigo.—G. F.
2. Outros derão quantias equivalentes e alguns de dezenas de contos. G.F.

que tenho especial recibo, dado como lembrança.[1] Taes quotas, hoje, depois de sete anos de activa dedicação, constituirião UNS DEZ CONTOS de economias a mais para minha familia, assim prejudicada.»

Logo que o nosso chefe, Sr. Miguel Lemos, teve conhecimento de similhante declaração, pensou em restituir integralmente ao infeliz bibliotecario a quantia acima; e graças ao accordo unanime que a este respeito encontrou entre os nossos confrades e á dedicação especial de alguns deles, conseguiu haver a referida soma.

Com efeito, acabo de receber do nosso chefe uma ordem bancaria para pôr aqui á dispozição do bibliotecario e professor da Escola Normal a quantia de *dez contos de rêis*, que lhe são restituidos sem que o Sr. Miguel Lemos *tenha siquer verificado ou mesmo examinado* a computação feita por aquele ex-confrade no trecho citado.

A nossa igreja fica assim de contas saldadas com esse infeliz moço, que, não contente com atirar as mais revoltantes invectivas contra o nosso chefe e renegar tudo quanto o esforço coletivo de nosso gremio ha feito, acabou por nos lançar em rosto, *chorando-os*, os dinheiros com que contribuiu para essa propaganda. A sua satisfação será agora completa, pois que alem de recmbolsar inesperadamente economias que lamenta ter assim applicado [2], não terá mais conosco nem a minima e mais grosseira das solidariedades: a que rezulta do simples concurso pecuniario. E a nossa satisfação não é menor desde já pelo mesmo motivo, visto como o nosso chefe torna assim efetiva *do modo mais completo* [3] a merecida excluzão que em tão boa hora foi levado a pronunciar contra esse falso pozitivista.

Fica assim o publico informado do epilogo deste triste epizodio.

S. Paulo, 6 de Dante de 110 (21 de Julho de 1898).

GODOFREDO FURTADO.

1. Este recibo foi dado a todos os contribuintes.— G. F.

2. Já no *sinistro* folhete que publicou o infeliz contra o nosso chefe e nossa igreja, encarece ele, em tom lamuriante, essas contribuições de dinheiro. Cumpre-me accrecentar que esta conduta *é unica* nos anais de nossa propaganda.

3. A ordem para os dez contos está no Banco do Comercio e Industria.

Typographia do *Apostolado Positivista do Brazil.*

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

A direção do pozitivismo no Brazil

Carta dirigida ao Cidadão Godofredo Furtado, por R. Teixeira Mendes.

(Este folheto de inteira iniciativa do autor, e publicado a expensas de alguns amigos seus, será enviado a todas as pessoas que o pedirem, remetendo o selo correspondente.)

A propozito da liberdade dos cultos

Carta a S. Ex. Revma. o Sr. Bispo do Pará, por Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

(Este folheto foi reimpresso por iniciativa e a expensas dos nossos confrades e correligionarios de S. Paulo.)